

ETHOS DO GÊNERO CRÔNICA ESCRITOS POR MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU

Giovanna de Araújo Leite

Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns-AESGA

giovannaleite@hotmail.com

Fabíola de Araújo Leite

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

profabiola@bol.com.br

Este trabalho tem a finalidade de investigar a tênue fronteira entre a crônica produzida para ser publicada nos jornais impressos e a crônica produzida no livro, no sentido de refletir quando ela sai do jornalismo e passa a entrar na literatura. Muitas vezes, tem-se a leve impressão que a crônica do jornal transmite a ideia de efemeridade e quando ela está no livro, ela passa a ser permanente. Contudo, a efemeridade também é algo que está na crônica publicada em livro. Para isso, este estudo busca analisar as crônicas produzidas em livro das escritoras contemporâneas Martha Medeiros e as crônicas produzidas por Lya Luft, na revista semanal *Veja*. O que se pode extrair destes dois contextos da crônica: a que é publicada no jornal e a que sai dos jornais e vai para o livro? Por que os suportes livro e revista tornam o 'tom' da crônica diferenciada? Os objetivos específicos foram verificar o ethos da crônica de Martha Medeiros publicada em livro e o *ethos* da crônica produzida por Lya Luft publicada em revista. A metodologia é bibliográfica, pois esta pesquisa foi baseada nas teorias do *ethos* de Maingueneau (2008) e Amossy (2005); sobre gêneros textuais em Marcuschi (2008); sobre crônica, em Pereira (2004), entre outros autores. Trata-se, também, de pesquisa documental, pois se extraem trechos tanto da revista *Veja* das crônicas de Lya Luft, como dos livros de crônicas de Martha Medeiros. Espera-se que com esta reflexão, seja possível pensar alguns posicionamentos sobre a crônica utilizando a teoria dos gêneros textuais e da análise do discurso de linha francesa, esta última estudada por Maingueneau (2008).

Palavras-chave: crônica, literatura, jornalismo, gêneros textuais, análise do discurso.

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é investigar a tênue fronteira entre a crônica produzida para ser publicada nos jornais impressos, *online*, no livro impresso e no livro digital, no sentido de refletir quando ela sai do jornalismo e passa a entrar na literatura.

O que se pode extrair destes dois contextos da crônica: a que é publicada no jornal e a que sai dos jornais e vai para o livro? Os suportes livro e revista tornam o 'tom' da crônica diferenciada?

O objetivo geral deste artigo foi analisar as crônicas produzidas em livro impresso, jornal *online*, revista impressa e livro digital das escritoras contemporâneas Martha Medeiros e as crônicas produzidas por Lya Luft, na revista semanal *Veja*.

Os objetivos específicos foram verificar o *ethos* da crônica de Martha Medeiros publicada em livro e o *ethos* da crônica produzida por Lya Luft publicada em revista.

A metodologia utilizada foi bibliográfica, pois foi baseada nas teorias do *ethos* de Maingueneau (2008) e, também, de pesquisa documental, pois se extraíram trechos tanto da revista impressa *Veja* das crônicas de Lya Luft, como de um livro de crônicas de Martha Medeiros, do jornal *Zero Hora* sobre Martha Medeiros e de um livro digital, contendo crônicas de Lya Luft.

2 CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL HÍBRIDO ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Estudiosos sobre o gênero textual, crônica, demonstram o caráter híbrido deste gênero ao se fazer análises e interpretações acerca da hibridez que este gênero se apresenta e pelo fato do mesmo se encontrar, ora no universo do jornalismo, ora, no literário.

Aimée (2008) discute isso mostrando que de um lado se considera a crônica como gênero menor e de outro sobre sua natureza jornalística ou literária. A crônica pode se apresentar, muitas vezes, efêmera por ser datada, “preza a fluidez de cada organização social”.

Mesmo com esta “capa” da efemeridade estampada sobre o gênero crônica, percebe-se que nos tempos atuais, a fluidez deste tempo líquido conforme Bauman (2007) caracteriza, de pós-modernidade, tem sido ampliada, saindo dos jornais e revistas para entrarem em inúmeras coletâneas de livros.

Algumas escritoras contemporâneas brasileiras, a exemplo de Martha Medeiros e Lya Luft, representantes marcantes do pensamento feminino atual tanto nos jornais como nas revistas, têm se destacado por expressarem opiniões sobre o comportamento das mulheres e sobre outros assuntos, alcançando sucesso e visibilidade, a ponto de suas ideias serem compartilhadas nas redes sociais como representantes de um universo pós-moderno líquido, em que predominam opiniões livres, autênticas e que denunciam uma ‘voz’ feminina há muito tempo silenciada pela Imprensa e, conseqüentemente, pela Literatura.

Não é difícil encontrar crônicas de Martha Medeiros e Lya Luft que obtiveram tanto sucesso que saíram dos jornais e revistas para ganharem a forma de livro. Na apresentação do livro “Liberdade crônica”, coletânea de crônicas de Martha Medeiros, a escritora diz que sua presença no meio jornalístico foi na verdade livre de cobranças da Imprensa:

No dia 8 de julho de 1994, um domingo, o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, publicou meu primeiro texto, uma colaboração avulsa, única, sem vínculo. Naquele texto, lembro bem, eu comentava sobre as declarações de algumas atrizes famosas sobre seu desejo de casarem

virgens, e a exploração que a mídia andava fazendo disso como uma tendência de comportamento [...] não estava segura de que escrever em jornal fosse me dar o mesmo sustento, mas o que eu nem imaginava aconteceu: os leitores continuaram me acompanhando e fui convidada a escrever não apenas aos domingos, mas às quartas-feiras também. Tomei gosto pela coisa, desisti de vez da publicidade (à qual sou grata, não foi um tempo desperdiçado) e passei a me dedicar exclusivamente ao meu *home office* – luxo dos luxos (MEDEIROS, 2016, p.5-6).

Martha Medeiros comenta, ainda neste texto de apresentação, afirmando:

Mais adiante, já com algumas coletâneas publicadas e um nome a zelar, desconfio que me tornei mais ‘responsável’, mas nunca perdi o sentimento de que escrever é, antes de tudo, uma aventura e uma sorte – minhas ideias, tão longe de serem verdades absolutas, encontraram sintonia com as ideias dos leitores, permitindo que refletíssemos juntos sobre o mundo que está aí. (MEDEIROS, 2016, p.6).

A escritora Lya Luft também coletâneas de crônicas que foram publicados na revista semanal *Veja* e transladadas para livro, como é o caso de “Em outras palavras – crônicas”. A autora começa a apresentação da obra afirmando:

Convidada para escrever na revista *Veja*, indaguei, sem muito pensar na resposta, quantos leitores ela teria: descobri que assinantes fixos são mais ou menos um milhão, além de quase trezentos mim compradores avulsos. No primeiro momento fiquei paralisada. Impossível escrever pensando nesse número, pois cada assinante teria possivelmente em sua casa ou círculo de relações mais outros dois, ou quatro com quem haveria de dividir a leitura [...] agora, aqui reúno 54 textos baseados nos que publiquei na coluna Ponto de Vista da *Veja*, com algumas alterações. Pois faz parte de meus vícios burilar meus textos enquanto for possível (LUFT, 2011, p.152-163).

O fato é que a crônica nasceu dos jornais e revistas como uma maneira de expressão de visões sobre variados assuntos em um curto espaço físico dentro dos veículos de comunicação, sejam impressos ou virtuais, mas toda essa efemeridade dos jornais e revistas vai para coletânea de livros como forma explosiva de emissão de opiniões que o mundo contemporâneo vive à “flor da pele” e necessita ler com voracidade.

Na linguagem utilizada pelas duas cronistas deste estudo, em Martha Medeiros e Lya Luft predomina uma escrita, em primeira pessoa, aproximando-se da função emotiva, assim como uma narradora repórter que relata um fato de maneira mais intimista e pessoal. Isso é da natureza do gênero crônica e tem ganhado notoriedade quando Martha Medeiros e Lya Luft escrevem e reúnem suas crônicas em livros impressos ou virtuais, ao perceberem o grande número de leitores e leitoras e o sucesso que estas crônicas tiveram.

Marcuschi (2008) afirma que quando se aborda a teoria de gênero textual, entende-se que se tratam de textos materializados em situações comunicativas recorrentes na vida diária e que

apresentam padrões sócio comunicativos com funções, objetivos enunciativos e estilos realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. O gênero crônica está materializado nesta perspectiva, pois ele é uma forma textual histórica e socialmente situado, de estrutura flexível, híbrida, já que nascem dos jornais e revistas (impressos e virtuais) transladando-se para livros (impressos e virtuais), levando consigo a ideia de efemeridade, pelo conteúdo presente nestes textos ou pela extensão do número de páginas, geralmente bem pequeno, mas bastante intenso no teor e na voz que traz os assuntos.

Sobre o conceito de suporte, na teoria de gêneros textuais, Marcuschi (2008) diz que se trata de um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. “[...] a função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos” (MARCUSCHI, 2008, p 175).

Neste sentido, no próximo item deste artigo buscou-se fazer uma discussão e análise sobre o gênero crônica, tomando-se como eixo de observação, a crônica no jornal *online*, na revista, no livro impresso e no livro digital a fim de detectar as nuances deste gênero nos suportes digitais e impressos.

3 ETHOS E CENAS DA ENUNCIÇÃO NO GÊNERO CRÔNICA

Na crônica de Lya Luft “Por que os homens matam”, presente na revista *Veja* (2010) retrata-se, em primeira pessoa, o repúdio contra a figura dos inúmeros “pais” ou “maridos” que descontam o *stress* em violências físicas e psicológicas nas suas esposas.

Trata-se de um *ethos* (imagem de si) de uma enunciativa que põe em cena a urgência de pôr fim a realidade sadomasoquista do gênero feminino com o masculino e vice-versa.

Trata-se de um tema que mesmo presente no suporte *Revista Veja*, poderia tranquilamente fazer parte de uma coletânea de crônicas sem perder o teor de importância e relevância do assunto na contemporaneidade.

No livro digital “Lya Luft em outras palavras – crônicas”, há uma coletânea destes textos reunidos em um mesmo suporte. Percebe-se em uma crônica chamada “Homem, mulher ou pessoa?” que a enunciativa põe em cena o questionamento de que os discursos e as práticas não podem pertencer especificamente a um gênero só, afinal, todos são seres humanos. Observa-se que o *ethos* de questionamento e relevância continua presente independentemente se o suporte é impresso ou digital.

A efemeridade da crônica ganha um *ethos* atual de relevância pela temática abordada, mesmo que o texto tenha sido publicado em 2006, continua sendo atual, saiu da revista impressa e ganhou presença no livro digital.

Na crônica “Sakineh, uma mulher como nós”, de Martha Medeiros escrito para o jornal *online* Zero Hora, mostra-se um *ethos* de questionamento sobre mulheres que avançaram muito profissionalmente, mas que, mesmo nos dias atuais, outras milhares de mulheres muçulmanas no outro lado do planeta, no Oriente Médio, permanecem sendo mortas todos os dias por uma cultura patriarcalista e machista. O que as mulheres contemporâneas fazem para mudar esta realidade? Este é o ‘tom’ central de questionamento evocado na crônica. Trata-se de uma crônica com um assunto que até a atualidade é relevante e poderia ser transladada para um livro.

Na crônica “O que é ser mulher”, presente na coletânea de crônicas impressas, o texto “Liberdade crônica”, a temática da mulher continua com um *ethos* questionador e não perde a relevância da discussão atual sobre a definição do que é ser mulher na sociedade. O “tom” evocado na crônica é da “eterna” busca da mulher contemporânea. Dos eternos anseios de uma mulher atual, cheia de sonhos, crises, neuroses, medos, entre outros aspectos tão fortes aos quais a mulher de hoje sente.

4 CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi visto, a crônica escrita nos suportes: revista impressa, jornal *online*, livro digital e livro impresso, não apresenta a efemeridade a qual se diz que tais textos evocam. Observou-se que quando se aborda os assuntos sobre a mulher contemporânea, mesmo que sejam aspectos do cotidiano, existe uma reflexão profunda e universal sobre temas importantes para a mulher contemporânea.

Respondendo à problemática abordada neste artigo que indagava o que se poderia extrair dos dois contextos da crônica: a que é publicada no jornal e a que sai dos jornais e vai para o livro, assim como, a reflexão em torno dos suportes livro e revista que tornam o 'tom' da crônica diferenciada, percebeu-se uma fluidez entre o jornalismo e a literatura e que a efemeridade tão difundida em torno das teorias sobre a crônica não a torna “morta”, mas, universal e sem tempo determinado para o esquecimento de determinados temas. O assunto sobre as relações de gênero feminino e masculino está fortemente presente nestes textos e demarcam um *ethos* questionador e contemporâneo, que necessita ser divulgado e “transladado”, ou seja, independentemente do suporte

em que a crônica analisada for publicada, o assunto é contemporâneo e relevante e o *ethos* questionador permanece como ‘tom’ marcante. Não há esgotamento do assunto sobre as relações de gêneros (feminino com masculino), o tema, pelo contrário, continua vivo e se repetindo, seja no suporte *online*, impresso ou livro digital.

5 REFERÊNCIAS

AIMÉE, Aline. **Gêneros textuais**: a crônica em foco – revisão da crítica e análise das características do gênero. Cadernos do CNLF, volume XII, nº. 07. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008, p. 22-27.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. São Paulo: Zahar, 2016.

LEITE, Giovanna de Araújo. **O poder simbólico e o ethos do jornalismo policial na Folha de Pernambuco**. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2005.

LUFT, Lya. Homem, mulher ou pessoa. In.: **Em outras palavras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. Por que os homens nos matam. In.: **Revista Veja**, 21.07.2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MEDEIROS, Martha. O que é ser mulher? In.: **Liberdade crônica**. 10 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

_____. Sakineh, uma mulher como nós. In.: **Jornal Zero Hora**, disponível em <http://zh.clicrbs.com.br>, acesso em 27.03.2017.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2008.

